

CONTO

Recorte de  
um jardim para  
Rilke e Jacobsen

**Rodney Ferreira**

Universidade de São Paulo

Sendo desperto em algo do mundo, como um lá fora que existisse, desceu pela janela dos infantes anos. Entre voltas ascendentes, tudo era intenso sem parecer suficientemente diferente – perdeu-se no jardim florestal. E o verde frio, sem vento que adentrasse, obrigou como bússola as nuvens precipitantes da água ácida dos dias.

Já longe de qualquer dedução por cores e cheiros e nuances, lançou-se a um riacho; olhos fechados e mãos macias, a lama do fundo pintou seu rosto do mesmo marrom dos troncos salpicados. Água que escorria entre ruínas de uma antiga choupana, dissolvendo tijolos e negando o que era abrigo. O descuido é grave, mas a calma do riacho repousando reflexo do rosto melado também – porque, afinal, “tudo é grave”. E, assim como nos livros, uma percepção autêntica é um fruto que cai na cabeça – dentes maduros o cravaram. Despidas de toda vertigem barroca, copas frutificadas carregavam a promessa de que a vida lhe fora preparada para o descanso. Sabê-la jardim para avistar e retornar à casa que sempre esteve ali, às costas.

Receou tocar a campanha... Não pelos que ali habitam (da última vez eram enormes faladores de coisas a que se dá de ombros), nem porque tudo fosse parecer menor, como era o sinete sacudido por suas mãos, mas pela noção de que todas as coisas se entregariam em renovação e continuidade. Pela exigência da herança que se assume, tratando a mobília e os objetos de recordação, evitar o descuido. E no que entre essas coisas há de vago, justapor suas próprias promessas.